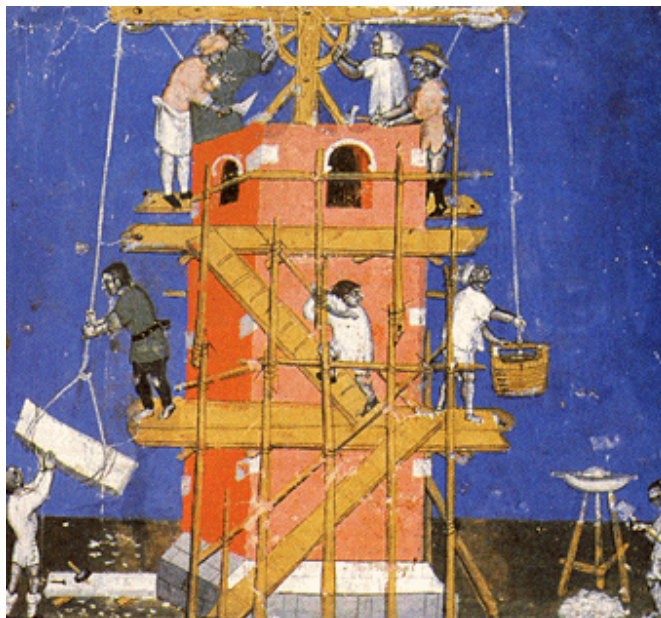


O crescimento económico da vila



O talhe da pedra – a imagem medieval do estaleiro. Representação da Torre de Babel, lembrando o imaginário de todos os ofícios. ERLANDE-BRANDENBURG, Alain – *Quand les cathédrales étaient peintes*. [s.n.]: Gallimard, 1993. p. 100.

Após o domínio cristão do território de Torres Vedras, esta torna-se paulatinamente o centro de consumo de uma região predominantemente agrícola, polo de atracção para as populações que viviam em seu redor.

Dos campos provinham os produtos agrícolas que abasteciam o espaço urbano alimentando os *vizinhos* que habitavam no interior da vila. Mas era aqui que as gentes do campo compravam e vendiam no mercado, a mais importante instituição económica dos séculos XIII e XIV.

Deste modo, a vila e o campo completavam-se e complementavam-se. Se a vila exercia domínio e atracção sobre os

campos, também é verdade que, para satisfação das necessidades elementares, nomeadamente os géneros alimentícios, a urbe dependia deles.

A partir de meados do século XIII, a vila possuía uma economia monetária em franco desenvolvimento, apesar da permanência de muitos pagamentos em géneros, sobretudo por parte dos agricultores.

Na vila comercializavam-se animais para consumo de carne, nomeadamente porcos, carneiros e cabras, peixe e sal, assim como os tradicionais produtos agrícolas, entre os quais cereais, azeite, vinho, alhos, cebolas, figos, cera, anil e linho.

Os animais de tiro e de sela, essenciais à faina dos campos, marcavam também uma presença constante, crendo no testemunho da pauta dos impostos a satisfazer, como sejam a portagem e a açougagem. A seu lado apareciam os escravos mouros, utilizados igualmente nos mais árduos trabalhos agrícolas.

A estes juntavam-se outros bens, cuja produção dependia da presença de determinados ofícios na vila, nomeadamente panos, peles e calçado. Mas também tigelas e vasos de madeira, referenciados na *Carta de Foral*, de 15 de Agosto de 1250. Por isso se foram multiplicando os mesterais - ferradores, curtidores, peliteiros, soqueiros, padeiros, oleiros e sapateiros - que exerciam a sua actividade em oficina própria, ou na dependência de um mestre, quando não arrendavam uma tenda régia.

O mercado pertencia ao concelho, mas era junto dele que o rei, seguindo a tradição muçulmana, possuía as suas tendas para instalação dos ofícios e venda dos géneros.

A «Ferraria», na freguesia de S. Pedro, e a «Olaria», na freguesia de S. Tiago, davam o nome, respectivamente, a duas ruas do centro urbano. Mas a via mais referida na documentação medieval era a Rua dos Mercadores (aproximadamente a actual Rua dos Cavaleiros da Espora Dourada), dada a condição económica dos que nela habitavam. Por isso mesmo nela moraram ou possuíram bens algumas figuras que integravam os estratos sociais mais elevados, tais como oficiais régios ou concelhios, grande número de artesãos e até o alcaide.

Mas também as praças da vila detiveram um importante papel económico. A Praça de S. Pedro, por exemplo, exibia a sua importância comercial, em finais do século XV, dada a presença, junto da igreja, de uma tenda de ferreiro, um forno e casas emprazadas a um sapateiro e a um ataqueiro, ao lado da tenda de um oleiro.

Na Praça, mais tarde conhecida por Praça dos Víveres ou de Município, realizava-se o mercado diário. Resultante do alargamento da então Rua de S. Pedro, dela saíam várias ruas, onde vários artesãos e comerciantes exerciam o seu mester e vendiam os seus produtos, fazendo deste espaço o centro económico (a par do político e religioso) da vila. Um espaço partilhado pelas freguesias de S. Pedro e Santa Maria, mas que permite igualmente explicar a presença próxima da Judiaria.

É muito provavelmente o crescimento económico da vila, e mesmo do termo torriense, que permite explicar a concessão, ainda que tardia, do foral dado a Torres Vedras, por D. Afonso III. Na verdade, é também por essa altura que aparecem aqui os primeiros mercadores, verificando-se igualmente o aumento de judeus na vila.

Uma situação que coincide com um forte crescimento populacional e que viria a justificar a necessidade de uma feira na vila. Esta viria a acontecer já em finais do século XIII, precisamente em 1293, com a duração de um mês, começando a 1 de Maio.

SAIBA MAIS:

RODRIGUES, Ana Maria Seabra de Almeida - *Torres Vedras: A vila e o termo nos finais da Idade Média*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian ; Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995.